

Crise iminente muda retórica de Ulysses

Brasília — De avalista antecipado a fiscalizador exigente, assim se comporta o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, ao mudar radicalmente a sua linguagem, depois de ouvir dos seus principais interlocutores — o presidente José Sarney e o ministro Dílson Funaro — as intenções do governo para resolver a crise econômica.

Ulysses Guimarães, no domingo, antes do encontro com Sarney, afirmava que o PMDB não podia ficar na cômoda posição de colher apenas os benefícios — referindo-se ao Plano Cruzado I —, mas tinha a obrigação de apoiar o governo em suas decisões, ainda que à primeira vista pudessem parecer impopulares. Depois de sua conversa com Sarney, Ulysses adotou como norma repetir as palavras-de-ordem que o PMDB usou durante todo o tempo em que ficou na posição, reafirmadas no documento dos governadores: “Não à recessão, não à inflação e não às altas taxas de juros”.

— Isso é uma estratégia para poder assegurar a sustentação política do governo. Se o PMDB não diz isso perde a credibilidade junto à opinião pública, alarmada pelos pessimistas — tenta explicar o ex-líder Pimenta da Veiga, que participou das últimas reuniões de Ulysses com a equipe econômica do governo e do almoço, no domingo, com o presidente José Sarney.

A maioria do partido, porém, acha que o presidente do PMDB sentiu alguma coisa no ar e resolveu partir para o ataque. “Claro, ele sabe que a crise já não é mais econômica e sim política”, afirma o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), atualmente um dos maiores críticos do governo. Para os mais pessimistas, a súbita mudança de discurso não passa de uma mensagem cifrada ao governo: não conte com o PMDB, se a opção for a recessão.